



O NASCIMENTO DE JESUS

(Quadro de Alexandre Van Haecken existente na Sé Primacial de Braga)

(Reprodução de J. Jorge S. Guimarães)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso	60

E stá hoje sobejamente demonstrado que, pela excelente qualidade das materias primas empregadas e meticoloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura "Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração.

Especies para bordados artisticos

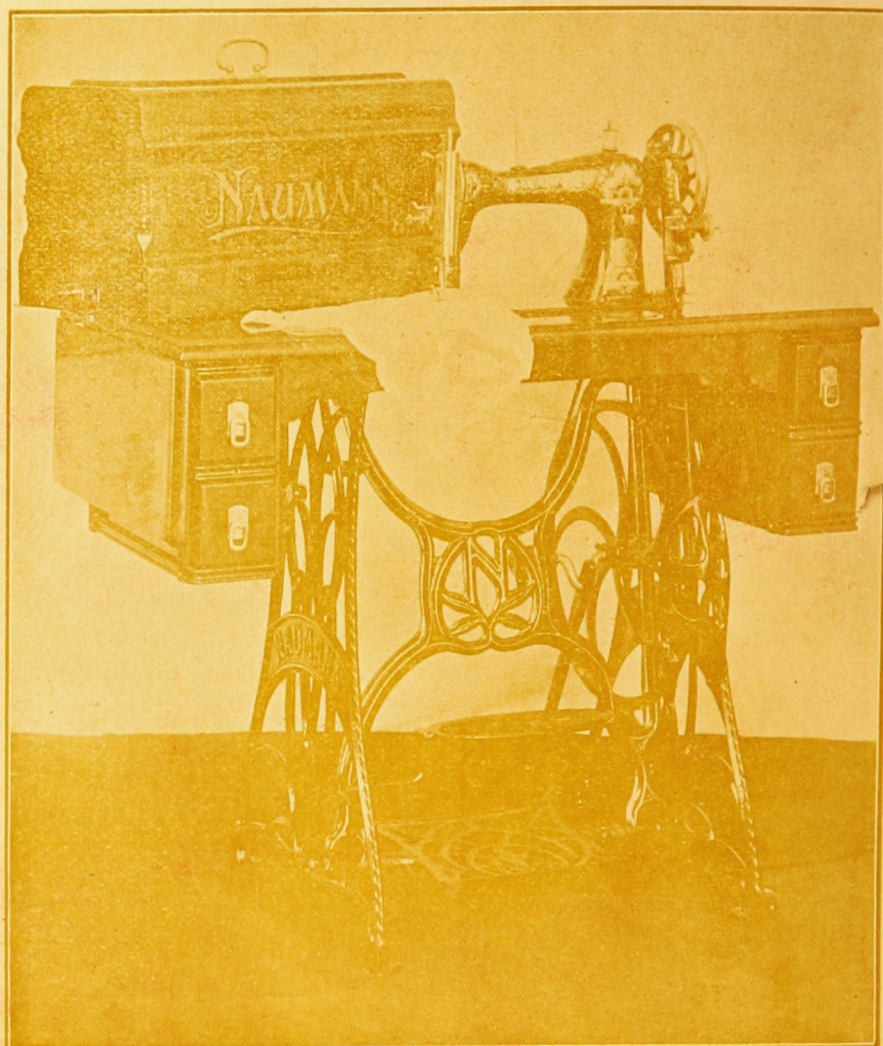
A elevada cifra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós tem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisongeira a acceitação que

A machina de costura "Naumann,,

tem encontrado em todos os mercados. Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.



Dão-se as mais amplas garantias

Deposito em Braga: **Armazens da Caixa Penhorista Bracarense**

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TINTURARIA

DE

⊗ TODAS AS CORES ⊗

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS, OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo correio.

Conego Bernardo Chouzal

D. Manuel Baptista da Cunha

ARCEBISPO PRIMAZ

Oração funebre proferida nas exequias celebradas na Basílica Primacial de Braga em 19 de maio e na matriz de Vianna do Castello, em 16 de maio de 1913. — DEPOSITARIOS Cruz & C.^a, rua Nova de Souza—Braga.

Brevemente a publicar-se

2.^a Oração funebre recitada no dia 27 de setembro de 1913 nas exequias que promoveu o clero do arcyprestado de Monção e Melgaço, na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta pelo

Rev.^mo P.^e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as

cousas mais necessarias da Doutrina Christã.

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

Edição acrescentada pelo P. Villela & Irmão.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 27 de dezembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 26—Anno I



O Nascimento de Jesus
(Quadro de M. de Vos—1592)

Chronica da semana

XXVI



“A derradeira edade annunciada pelas prophecias da Sibyla de Cumes vae chegar, escrevia Virgilio, na sua egloga a Pollion, cantando o regresso da paz: a ordem magnifica dos seculos recomeça de novo: já a justiça volta á terra e a edade de oiro se renova: um raio de luz desce das alturas do céu: uma creança vae nascer, que fará cessar a edade de ferro e reviver, atravez do mundo inteiro, um povo semelhante áquelle que vivia na edade de oiro... Essa creança, dos deuses receberá a vida, e governará sob a lei das paternaes virtudes, o mundo pacificado. Matará a serpente... A’ vista d’esta creança querida pelos deuses, a terra, as vagas do mar e as profundezas do céu estremecem de jubilo, e todas as coisas se alegram na esperanza do seculo que vae chegar!...”

Estranha predição n’uma bocca pagã, impregnada da aspiração humana para a Paz!

O brado prophético estúa nos labios virgilianos como resoára já na garganta de Isaias: — «Um pequenino infante nasceu para nós, um filho nos foi dado: e o seu nome será o Admiravel, Conselheiro, Deus Forte, o Pae do seculo futuro, o Principe da Paz!»

E foi assim, em verdade, que o Salvador veio a este mundo, annunciado por angelicas cytharas: Gloria a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade!

E foi assim, que Jesus, Redemptor nosso, saudou sempre os seus discipulos: — *a paz seja convosco*. Na hora crepuscular do ultimo adeus, no intimo e supremo convivio de confidencia, Elle falla-lhes mansamente, diz-lhes que pelo muudo se havia dado, e agora, como segredo de victoria, lhes legava a paz: «Eu vos deixo a paz: eu vos dou a minha paz!»

A Igreja constituida retoma esta herança de amor e de bondade: *Pax vobis, Pax Domini sit semper vobiscum*, eis a saudação que se ouve em cada pagina da liturgia. Os primeiros fieis davam-se o beijo da paz. «Depois da Oração Dominical, diz-se *Pax vobis*, escreve Santo Agostinho, e todos os christãos se abraçam n’um santo osculo, *osculantur se in osculo sancto*. E esta tradicção apaziguadora e sublime perpetua-se depois nos concilios, nas encyclicas, na maravilhosa obra civilisadora dos Pontífices, batam os barbaros ás portas do Imperio, degladiem-se em retravadas luctas os senhores feudaes, expanda-se e tripudie sobre as nações o poder absoluto dos reis, escarneça da virtude e do amor a Revolução sanguinaria e ferocissima, estale no plumbreo céu da edade contemporanea o trovão das reivindicacões sociaes, aprestem-se na hora presente os Estados para a carnificina e para a guerra!...

Principe da Paz! eis a legenda aurifulgente que

encima a humilima scena de Belem. A festa do Natal não pode ser apellidada sómente festa da familia, que é escasso titulo d’uma obra gigantesca, por aquelles mesmos que chumbam ao lar paterno, de sua natureza estavel e constante e unificado, a podrága ferrea do divorcio que entrava o seu florescimento, a sua paz e a sua perduração historica e social.

A festa do Natal constitue mais honroso symbolo, é a solemnisação da redempção humana, o irradiar d’um sol de vida e de libertação no antro negro onde se decompõe a humanidade corrupta. Dizer que ella é simplesmente a festa da familia é deixar no espirito o desejo insatisfeito de saber o que vale um lar. E a Historia unanimemente estabelece que a dignificação da familia está na razão directa dos sentimentos e ideias christãs que lhe presidem.

Natal! Que palavra mysteriosa, seraphica e sobrenaturalmente doce!...

Procurae nas suas syllabas e nas suas letras a accentuação d’uma melancolia, e não a encontraeis. Natal! — *cuvls?* E’ a coragem que falla, é a esperanza que se engrinalda sobre as cinzas depuradoras d’um arrependimento, é uma exhortação dictada pelas lições do passado!... Natal! E a memoria gratissima leva-nos pela mão, n’esta noite de luar e de sonho, a uma piedosa romagem pelo jardim das recordações lenginquas, poalhado da branca neve da velhice. E surgem os retratos de nossas mães, que nos vinham beijar, adormecidos no leito, confiando-nos um sonho filial que as prendas da manhã seguinte recompensavam.

Quem se não lembra das bellas e suaves tradições portuguezas que se espalhavam no vitral azul da Grande Noite!...

Antes da ceia, o Pae levava-nos em frente do oratorio illuminado e festivo e alli rogava ao Senhor as benções para os seus.

Depois, todos voltavam para a meza, sobre a qual crepitava uma jovialidade aberta e sádia emquanto que lá dentro, no oratorio illuminado e festivo, ardiam cirios em torno do Crucifixo... A ceia terminava em rememorações. De novo, o chefe de familia encaminhava a esposa e os filhos para o oratorio, e implorava de Deus a paz do seu lar e a felicidade commum.

... Quem se não lembra das bellas tradições portuguezas que se espalhavam no vitral azul da Grande Noite!...

E a revivermos o passado, emballados n’aquella *magia de recordar*, de que fallava um poeta, nós murmuramos a suave e poetica saudação de Lavedan:

Natal!... branca palavra, d’uma brancura religiosa, cahido d’uma Hostia, o liz das palavras que apenas parece feito para escapar-se de labios virginaes, para a vaporação fria dos incensorios, palavra de prata, de nacar, de perola, palavra de neve tão fragil e tão delicada que mesmo com a alma pura, dá a impressão de nos enternecer. Palavra que canta e que retine, palavra que reza, na sua



jovialidade, palavra terna da Igreja, sorridente e piedosa, irmã do *Alleluia*, palavra de acção de graças que sóbe e volteia em canticos e cujo echo musical suavemente se congela!...

F. V.

DIA DE NATAL



A silenciosa amargura da minha alma, pungida n'este momento por uma dôr brutal, que fica decerto á conta das minhas culpas, Jesus Christo, na sua Festa, é, como nunca, Luz, Caminho, Vida...

Luz. A injustiça e a calúnia representam decerto as maiores trevas da existencia.

Podemos, porém, ser obscuros como os vermes, humildes e cegos como elles. Se não nos ferir o odio injusto, a nossa paz interior basta para termos todo o sol, toda a grandeza pura, toda a visão, clara e tranquilla, das consciencias felizes. Trabalhos, pelejas, penitencias, o suor mais laivado de sangue, as lagrimas que mais

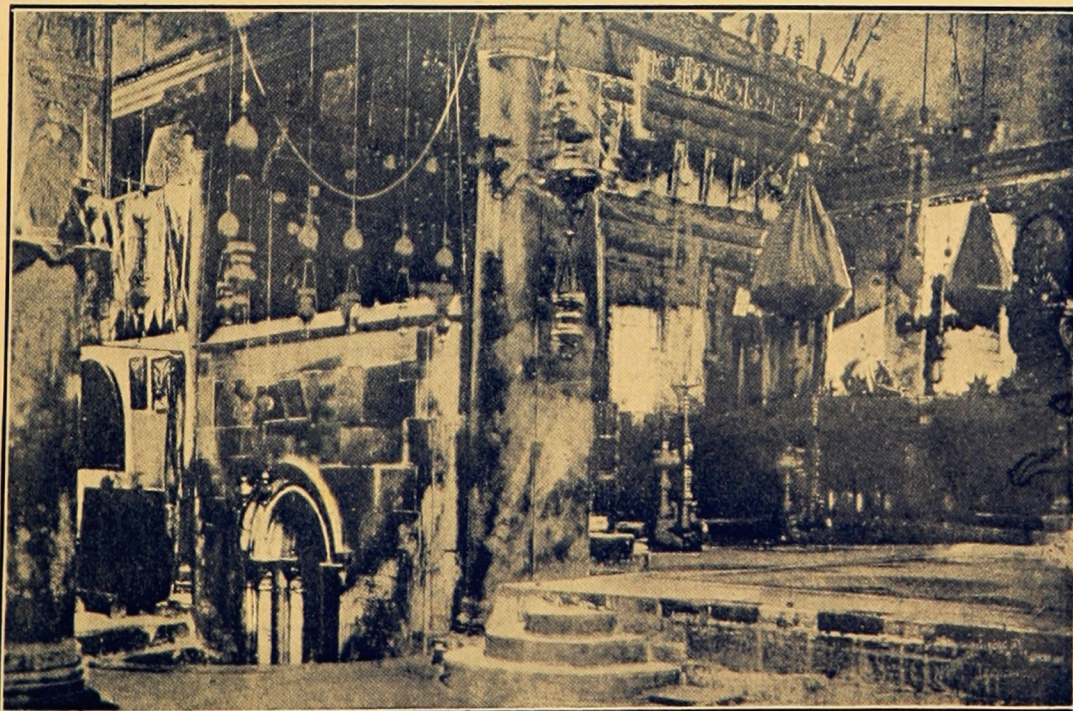
de fel nos escorrem do coração, tudo isso é gloria, jubilo, thesoiro, escrínio de sagradas joias.

Mas, com o odio injusto que nos difama e persegue, a paz interior é um heroismo que, sem a Fé, naufraga no mais pequeno baixio. E' então que a Luz do Senhor se impõe como necessidade unica e ineffavel, porque os mais truculentos odios só se vencem e aniquilam com o Supremo Amor.

Caminho. Baldado é o esforço do caminhante mais herculeo, quando lhe falta a orientação perfeita. Jornadeia sempre á mercê da primeira surpresa, não lhe valendo musculos e nervos, de ferro ou aço, intrepidez, pujança, experiencia, se o caminho é escorregadio, absurdo, com barrancos e pantanos escondidos em alfombras, que podem ter, embora, toda a seducção de jardins dispersos. Caminha, e nunca avança, pois a cada passo resvala,



O Natal em Belem



Egreja da Natividade em Belem

se contunde, se enlameia, voltando a pisar, aterrado e desalentado, o trilho que julgou positivo, ferindo-se inutilmente em todos os espinhos, em todas as arestas vivas das rochas. Só Jesus Christo o pôde guiar, porque o Senhor é a força e o rumo, a orientação infallivel de todas as jornadas, as do corpo e as da alma, e nada na terra tem movimento util sem a directriz adoravel do Divino Mestre.

Vida. Que é, se não Morte, toda a actividade e combatividade que se estorcem, com fatal ceguei



ra e energia esteril, longe do Espirito do Senhor? Toda a Sciencia, embora apparente progresso, liquida em ignorancia, corrupção e miseria. Toda a Arte, embora encantadora, resulta hediondez, enfermidade, podridão sinistra. Que são todas as maravilhas da actividade humana, se não Morte, quando a Humanidade as não integra com amor e justiça no Verbo do Senhor?

E como eu hoje vejo e sinto isto, profundamente ensinado, mais uma vez, pelo que o vulgo chama destino mau e que não é mais do que um chamado do Senhor para a Luz, o Caminho, a Vida!

Ah! e o Natal, a Festa das festas, não hade ser, pois, celebrado cada vez com mais fé e amor, se a vida é um constante e prodigioso hymno de glorificação da misericordia divina, principalmente nas provações, nas amarguras, nas mais pungentes angustias?

O Natal! Que portuguez e christão poderá, de anno para anno, deixar de erguer-se cada vez com mais crescente fervor, com fé mais progressiva e vibrante, para saudar o presepio de Bethlem, cidadella e refugio da vida pura dos lares, das patrias, de toda a familia humana?

Mas perdoem-me os simples o que ha de doloroso n'isto, que devia ser festivo e calmo como uma dôce madrugada do paraíso.

O que, no Natal, deve resplandecer é o clarão benefico e patriarchal das lareiras, verdadeiros e singelos altares da fé secular de toda a Humanidade remida.

Quem pôde mesmo sentir a dôr, por mais

profunda e injusta, quando todo o universo canta hymnos de gloria e gratidão ao Filho de Deus, ao Redemptor que, nascido em palhas humildes, desce á terra para subir á Cruz, pharol que, levantado sobre as brumas da vida humana, parece ampliar cada vez mais a sua luz immortal e divina?

Festa das familias, o Natal é, por excellencia, a festa das almas, dos corações. Jesus tem inefavel

complacencia com esta solemnidade que é a primeira alleluia nas trevas da vida do homem, tão escravo e desventurado antes da sagrada noite de Bethlem.

Estejamos, pois, com Elle sem pompas vãs, sem atavios mundanos. Estejamos, como simples, como meninos, cheios de fé e simplicidade, e o nosso lar e a nossa patria, desopprimidos, por momentos ao menos, de toda a contrariedade e angustia, hão de ter, em angelica miniatura, a luz, o agasalho, o encanto peregrino do Menino Deus nas suas palhinhas, que são o conforto dos seculos e dos homens.

JOSÉ AGOSTINHO.

A religião tem encantos, que ninguém pôde exprimir. Ella é a poesia do coração.



O Nascimento de Jesus
(Quadro de Corregio)—Galeria real. Dresde

NATAL



Gloria in excelsis Deo! paz na terra aos homens de boa vontade. Os anjos cantam no céu, o echo das suas vozes argentinas repete-se de cada vez mais bello, mais sonoro sobre a terra trémula d'emo-



ção, ao ouvir este grito d'amor, que todos os homens repetem cheios d'alegria. Natal! Dia em que todos os corações se unem, em que todos os odios desaparecem! Que balsamo para os corações oprimidos, que esperança para os que soffrem!

Natal! Noite de estrellas para todos, vem illuminar nossos corações, carregados de tantas nuvens! Dôr, esconde-te no fundo da tua caverna, alli onde a luz das estrellas não entra; deixa-nos gosar em paz as alegrias, as *Gloria*, d'este dia abençoado!



A adoração dos pastores
(Quadro de Rubens)—Pinacotheca de Munich

Anjos, habitantes do céu e da terra, cantemos, cantemos *Hossannæ* e *Gloria in Excelsis* ao Jesus que está alli, pequenino, deitado no presepe de Belém. O menino ergue os olhos para o céu que sorri lá de cima, as anjos cantam e acompanham com as suas vozes puras e frescas como o orvalho da manhã, os louvores que sahem dos corações dos homens.

Dá meia noite, os sinos resoam notas d'alegria.

Meia noite! Hora sombria para tantas almas que soffrem! Vejo-te, pallido espectro d'um mundo phantastico, vir a passos lentos bater á porta dos infelizes, d'aquelles que te esperam assustados. Para no meio da tua carreira, despe o teu aspecto sinistro, o teu manto feito das horas d'angustia e de pavor. Põe a tua veste nupcial recamada de lirios brancos como as azas dos anjos e vem cantar o hymno de paz e d'amor!

Dá meia noite! Os sinos tocam pela ultima vez e o céu estrellado com mil fogos doirados nos mostra-nos o presepe de Belém, onde Jesus sorri ao mundo espantado de tantas graças.

De repente o seu rostosinho meigo desmaia e a Virgem estremece! Ninguem dá por esta subita mudança, porque Jesus continua a sorrir, mas a mãe curva-se para o Divino Filho e enxuga com os seus puros labios a primeira lagrima do adorado Menino. Lagrima bem dita, consolação de tantos corações feridos pela dôr, aquelle por quem foi derramada estava occulto entre os pastores que tinham vindo adorar a Sua Santa Infancia! Era um pobre estropiado, que no corpo disforme tinha uma alma devorada pelo desejo de Te contemplar, a Ti que és o consolador dos pobres e dos humildes!

A oração do fraco e do abandonado Tu, a escutas sempre ó Senhor! A passos lentos, elle seguira os pastores até o presepe do Menino Jesus, mas não ousando entrar, ficára-se á porta e, prostrado, adorava Aquelle em que pozera a sua esperança. Parecia-lhe ouvir as palavras de seus pobres paes, que ao morrer lhe haviam dito — «Tirzah, tu serás mais feliz do que nós, porque verás o Salvador, e Elle te consolará da tua desgraça.» O echo d'estas palavras ficára-lhe no coração e quando se sentia apertado pelo escarneo das multidões, pensava no seu Salvador, consolando-se com o balsamo da esperança.

A noite estava serena, e o céu recamado d'estrellas, das quaes uma mais brilhante que as outras, guiava os que vinham de longe adorar o Deus Menino.

A terra em extase diante de tantos encantos ficara silenciosa; nenhum barulho vinha quebrar a harmonia celeste.

E os canticos continuavam louvando a Deus nas alturas?

Os Magos com o seu esplendido cortejo chegam ao termo da sua viagem e vêm prostrar-se diante do Menino Jesus, a quem offercem as suas homenagens, e Jesus lhes sorri como tinha sorrido aos pastores, aos simples d'alma e coração!

Um clarão estranho tinha vindo á frente d'este magnifico cortejo.

A voz febril e tremula de Tirzah juntava-se aos côros d'anjos que louvavam o Divino Infante, cujo meigo olhar parecia chama-lo a Si: esse olhar em



que se podiam ler as palavras que foram o balsa-
mo dos tristes:—«Vinde a mim, vós todos que sof-
reis e eu vos consolarei.» Tirzah cantava com to-
da a alma cheia d'amor e Jesus parecia agradecer
com um doce olhar enternecido que ora se voltava
para a Mãe que o comprehendia, ora para o pobre
Tirzah, convidando-o a approximar-se!

Já os pastores tinham abandonado o santo lo-
gar. Caminhavam silenciosos para a montanha, le-
vando gravada no coração a imagem suavissima do
Deus Menino, que os abençoara! Tirzah, porém,
quedou-se no silencio da noite estrellada. A terra
não dava signal de vida; as horas passavam; Tir-
zah immovel fixava o seu olhar ardente n'esse es-

ria *in Excelsis* como os anjos os tinham cantado
n'aquella noite bemdita em que o Salvador se di-
gnára visitar o mundo!

Um dia Tirzah despediu-se dos seus amigos e
partiu para Belem, onde o coração o chamava. Ca-
minhava sem cessar, esquecendo a fadiga do seu
pobre corpo estropiado.

Mas que amargura lhe tomou o coração quan-
do soube a terrivel nova da degolação dos Innocen-
tes!... Pobre Tirzah! buscavas o teu Jesus, que ti-
nhas deixado deitadinho nas palhas, sorrindo aos
pastores, aos Magos e a ti, pobre abandonado e já
o não encontras!... Cerras teus olhos cançados de
tanto chorar, teu pobre corpo magro e trémulo do-



A fugida para o Egypto

(Quadro de E. Girardet)

tranho clarão que sahia da pobre morada onde nas-
cera o Rei dos Reis.

O coração convidava-o a ir de novo pro-
strar-se diante de Jesus, que era a sua esperança,
a sua consolação sobre a terra, mas temen-
do perturbar aquella Paz Celeste, adorava em
silencio o Seu Divino Salvador. Ao romper da au-
rora, quando o sol se tingia de côr rubida e os pas-
saros começavam o seu concerto matinal, Tirzah
voltou ás montanhas, para a companhia dos pas-
tores seus amigos, e alli não cessava de louvar o
Seu Jesus, e a sua voz, que outr'ora era fraca e
monotona, tornava-se de cada vez mais fresca e so-
nora aos ouvidos dos pastores, que á noite se jun-
tavam á volta do lume para ouvirem cantar os *Glo-*

bra-se, e tua alma dolorida geme com a perda do teu
Salvador! Mas Aquelle em cujos olhos brilhára uma
lagrima por amor de ti, não esquecêra o pobre des-
herdado. A caminho do Egypto, o echo dos teus la-
mentos attinge o seu Divino Coração; Jesus estre-
mece e do céu, para onde volta um olhar piedoso,
descem os anjos que levam Tirzah para o meio da
Celeste Milicia, onde no futuro elle poderá cantar
sem lagrimas nem suspiros o cantico que os Sera-
phins cantaram n'essa noite santa em que Deus se
fez Menino por amor de nós. *Gloria in Excelsis.*
Gloria in Excelsis, paz na terra aos homens de boa
vontade.

MARIA SALOMÉ.



A' beira d'um berço

(Ao pequenito J. F. Ramalho)

I

*Ensaíam passinhos breves,
As suas plantas mimosas
Sob carícias tão leves,
Podiam brotar as rosas!*

II

*Em seu dormir socegado,
Conserva o labio risonho,
Onde poisa de bom grado,
A doce abelha d'um sonho.*

III

*Tem pupilas de saphira;
Da boquita o seu harpejo,
Não sabe 'inda o que é mentira,
Desconhece um falso beijo!*

IV

*A expressão e o meigo ardor,
Do seu olhar innocente,
São uma benção do Senhor,
Que eleva a alma d'um crente.*

V

*Do beiral, uma andorinha,
Que alli tem sua morada
Saúda-o de menhãzinha:
— Bom dia, João!... Bom dia!...*

Olivaes, 1913.

V. CLELIA.



Turrís Ebúrnea

∞∞

A' Puríssima Virgem

I

*COMO barquinha de prata,
navega no céu a lua . . .
e á luz que branqueia a mata,
a serra e a clareira nua,
a minha alma se desata
em hymnos á gloria tua.*

II

*Quem me dera ter a harpa
do Rei Profeta David! . . .
Sobre a alevantada escarpa,*

□
□
□

□
□
□

O pôr do sol

(Cliché do phot. am. snr. Francisco P. Mendes).

*onde o mar rouqueja, ahi
cantaria a fina farpa
do puro amor que hei por ti.*

III

*Amor de filho perdido
nas solidões do alto mar,
côm seus olhos e o sentido
alongados sobre o mar,
amor de escravo opprimido
por sua mãe a chorar! . . .*

Cascaes, 1913.

GOMES LEAL.



BRAGA-As festas da Immaculada Conceição

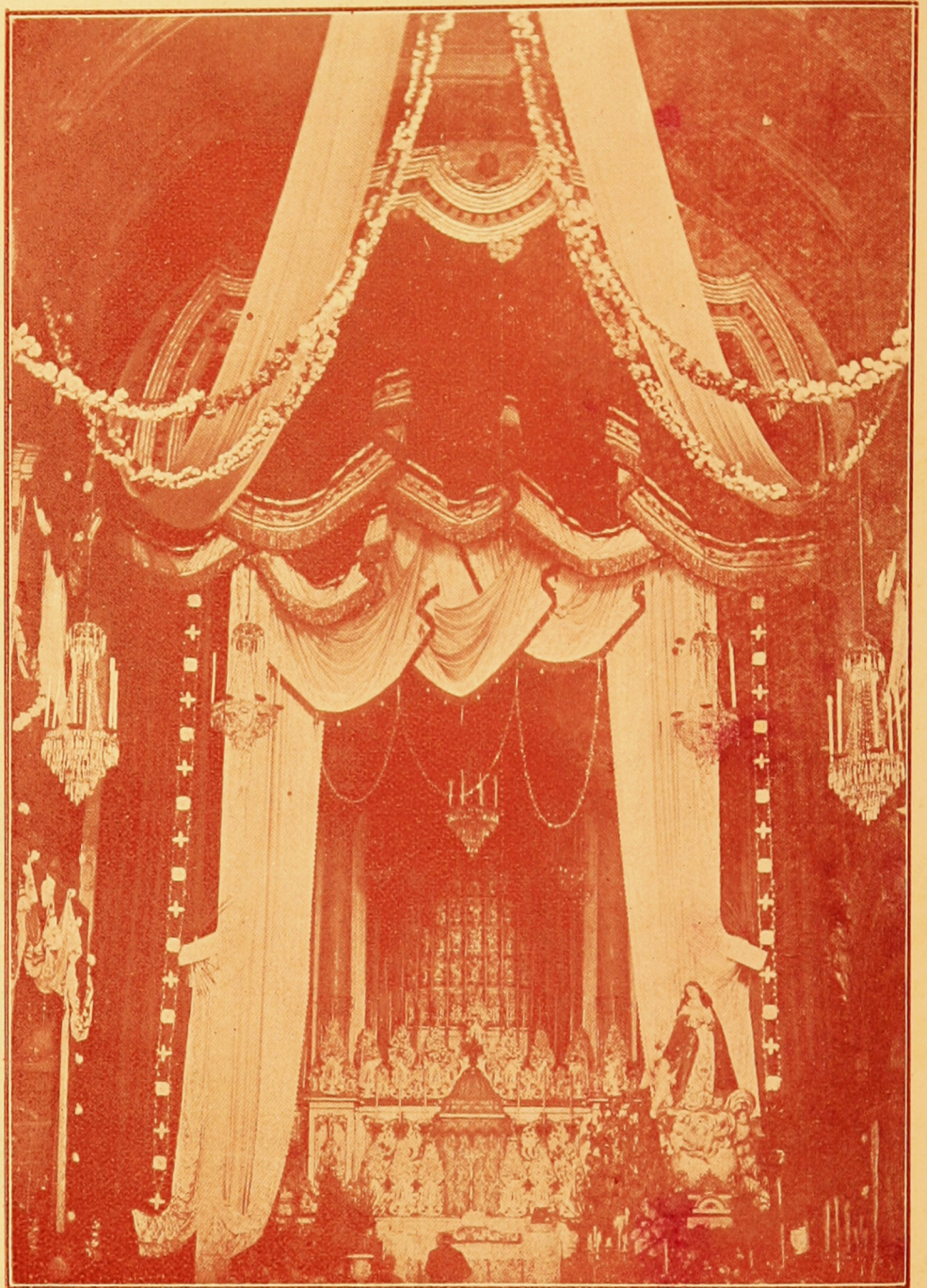
As grandiosas festas do dia 8 do corrente, em honra da Immaculada Conceição, foram para Braga um acontecimento notavel, como não podia deixar de ser, conhecida como é a piedosa devoção do povo bracarense pela Rainha dos Anjos.

Em todos os templos foi a Virgem festejada com muito brilho, mas onde a solemnidade attingiu extraordinaria imponencia foi na igreja dos Terceiros, mercê da louvavel iniciativa da V. O. Terceira e das Associações Catholicas de Braga. Para a magnificencia d'essa festa muito concorreu a presença do illustre Prelado do Algarve, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barbosa Leão, o qual proferiu um sermão notabilissimo que em todos os assistentes deixou as mais perduraveis recordações.

Aqui reproduzimos algumas photographias da esplendorosa solemnidade, pelas quaes os leitores poderão avaliar o quanto foi imponente e magestosa, devendo acrescentar-se que o templo, durante a festa, esteve sempre apinhadissimo de fieis, e que se realisaram para cima de cinco mil communhões.

A' noite, tambem promovida pelas Associações Catholicas de Braga, effectuou-se na séde da J. C., á Praça Municipal, uma sessão solemne, que decorreu brilhantissima e com enorme concorrencia.

Presidiu o Rev.^{mo} Luiz Antonio de Almeida, zeloso abbade de Outiz, que, depois de abrir a sessão com um formoso improviso, concedeu a palavra aos oradores inscriptos, snrs. dr. Oliveira Salazar, dr. Francis-



Aspecto do interior da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, no dia da festa

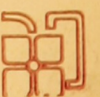
co Velloso, Manuel Cerqueira Gomes, David Pacheco e Manuel Domingues Basto, recitando uma bella poesia o menino Alberto Pinheiro. Todos foram muito applaudidos.

O PRESEPIO

(CONTO DO NATAL)



AQUELLA tarde, com o desbotado chale preto sobre a fronte, muito comprido, mal deixando vêr a fimbria do pobre vestido de luto, ella partiu de casa, atravez as ruas da cidade, movimentada de



carruagens e de elegancias. Era nova ainda. A visnhança dedicava-lhe a commiseração propria a todos os infortunios, e se um ou outro mais rispido ou-sava á porta das vendas recordar, quando ella pas-sava, o lance negro e funebre da sua vida, um si-gnal de silencio assomava a todos os labios, re-prehendendo a descaridade, e as saudações come-çavam:

—Adeus, Luizinha!

—Vae com Deus, menina!

de que não nascera n'aquella rua. Vagamente lhe haviam contado a sua origem, os arduos dias de trabalho asperrimo que seu pae levára, depois o fallecimento de sua mãe que ella entrevia magra, branca como ella, os olhos fundos, como a sumir-se, e mais tarde aquella scena tragica da fabrica, o pae com laivos de sangue na face, e áscuas de rai-va a explodirem em sons desarticulados dos labios tumidos de colera, a sacudir-se, a estorcer-se nos braços da policia, e o outro estendido na estrada, o



BRAGA—Festas da Immaculada. O andor da Virgem

Era boa gente aquella do bairro, um pouco ru-de é certo, para o temperamento estranhamente delicado, para o olhar adoçado e sereno, para a côr nevrosada das faces de Luiza. Mas nunca, dès que para alli viera, a menor insinuação emboldria-da de vicio ou do sarcasmo impuro, a molestara. Nunca tambem o soubera explicar, ao lembrar-se

craneo fendido e uma expressão de surpresa dolo-rosa no rosto inerte!... Um horror!...

Uma noite vieram buscal-a para ir á cadeia. O pae beijou-a n'um respiro de febre, murmurando:— Deus me perdôe! Na manhã seguinte, disseram-lhe que já não tinha ninguem no mundo; que fosse ha-bitar o quarto lobrego e humido onde vivia agora, e

prestaram-se a introduzi-la na fabrica como aprendiz, para matar a fome... ella bem via!

... N'aquella tarde, com o desbotado chale preto sobre a fronte, muito comprido, mal deixando vêr a fimbria do pobre vestido de luto, ella partiu atravez as ruas da cidade, movimentada de caruagens e de elegancias.

Hora de frivolidades, por entre a multidão ociosa, ella passava, imagem de dôr e de miseria. Torvelinhavam no seu espirito farrapos de recordações que davam margem a cotejos dolorosos entre o fausto dos grandes e o desprezo amargo dos vencidos. E quasi insensivelmente, arrastada pela necessidade do silencio, do isolamento, que é o ambiente querido dos que a desgraça assaltou no atalho tortuoso da vida, ella transpoz os áditos de um templo proximo, ainda aberto, talvez por esquecimento, áquella hora em que os theatros começam de illuminar-se e attrahir...

Lá dentro, cahiam dos vitraes as derradeiras lagrimas do poente em flamma, os altares recolhiam-se na escuridão, parecia ouvir-se um formilhar de rezas, mansas, n'um leve murmuro que as abobadas ciciavam... Apenas no altar-mór, junto ao sacrario, lucilava uma alampada em tremulos vasquejos...

E Luiza foi subindo as naves, lentamente, o olhar disperso, como que attonita do espectáculo que alli se lhe apresentava, contraste de paz no coração da cidade dodivanas e desprendida.

Não encontrou ninguem. No sopé d'uma columna ajoelhou... Ha quanto tempo não voltara á igreja! Escavava no campo das suas saudades indefinidas e longinquas, como um horizonte de nevoa, passeava a alma por incognitas regiões de mysterio, fazia um demorado esforço movendo os labios, para accentuar e avivar a memoria... não, ella não sabia rezar!... Tentava um pouco: *Avé Maria, cheia de graça... rogae por nós!*... Embalde!

Tudo a desgraça horrenda varrera do seu coração e no seu cerebro resoava um tufão de inclementes previsões, macabras e teimosas...

De novo, aquellas scenas dolorosas da sua infancia, em que o vulto de sua mãe crescia como um lyrio branco d'uma campa negra, accorriam a

visitar-lhe a imaginação. Ergueu-se e continuou caminhando, tacteando as grades dos altares. Até que ao voltar para um do transepto, divisou, agrupado e apoiado ao taburno um amontoado de profusas coisas dispostas em degrau, figuras de barro, tons brancos de nuvens d'algodão em rama... Approximou-se. Uma vela expirava. Aos curtos e intercadenciados lampejos da chamma poudo precisar a sua natural curiosidade:—era um presepio.

—Natal!? hoje é dia de Natal?... pensava ella, cheia de espanto, temendo porventura que a evocação d'este nome e d'esta data fosse accordar-lhe



O exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. Antonio Barbosa Leão, venerando Bispo do Algarve, ao sahir da igreja acompanhado de alguns membros das associações catholicas de Braga

no coração o demonio dos desalentos. — Para ella, só para ella, talvez, não refluíam as primaveras da vida, e os jubilos da consciencia, entorvada de pre-sagios, não desabotoavam!

Os seus olhos desvidrados pelas exhaustivas agonias da fome e pelas ondas de copiosas lagrimas, começaram de fitar de perto o presepio pittoresco. Percorreram os detalhes dos arbustos, poi-





Grande «Orpheon Carvalho Alaio» que tomou parte na grandiosa festividade da Immaculada, em Braga, executando segundo o «motu proprio» bellas composições

saram successivamente nas torres d'uma pequenina fortaleza de cuja ponte levadiça vinham descendo pelo pendor alcantilado da montanha semeada de neve, sobre arruamentos sinuosos de areia humida, os tres Reis Magos, ainda no principio da sua viagem... Depois enlevaram-se nos grupos de peregrinos, graciosos, tocando frautas, sobraçando condessinhas cheias de cadivas, uns calcurriando a estrada em ar de pressa, outros bailando.

Luiza extasiava, pobre creança, vivendo pela vez primeira os seus doze annos... Mais embaixo, viu um grupo de pastores ajoelhados á bocca d'um alpendre colmado, por cima do qual voejavam anjos. Segurou o castiçal que por fortuito acaso lhe proporcionava tão gratas delicias e poudê vêr então o Menino Deus, S. José, Nossa Senhora, a vacca e o jumentinho no estabulo.

—Que bonito! bradou n'um breve grito de alegria irreprimivel! E Luiza, absorvida pela belleza do quadro, para ella inédito, que coloria de poesia a desolação agreste da sua alma tão fundamentalmente ferida, afastou os cabellos ondeados, e timidamente, ergueu do seu berço de palhas o Menino Deus e depoz sobre o corpinho nú, cheio do frio d'aquella noite de neve, o seu ultimo beijo de creança!

—Quem anda ahí? perguntou do fundo da igreja



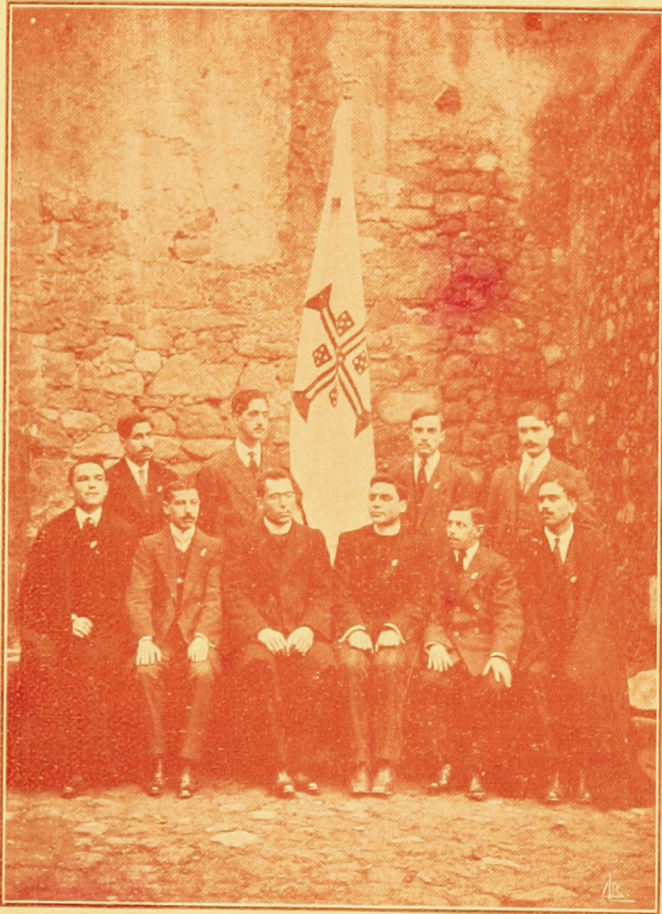
O rev. Manuel Carvalho Alaio, regente do «orpheon»

(Clichés de João Jorge Guimarães).





BRAGA—Séde da «Juventude Catholica»,
onde se realisou a sessão solemne em honra da Immaculada



Direcção da «Juventude Catholica»



Corpos gerentes
do «Grupo Dramatico Arnaldo Lamas»

(Clichés de João Jorge Guimarães.)



a voz rouca do sacristão, que regressava da esturdia dos tascos...

Estremecendo de pavor, Luiza tornou a collocar nos seus logares a imagem do Deus Menino e o castiçal que n'aquelle momento se apagára, recingiu á frente o desbotado chale preto, e a coberto da sombra que inundava o templo, correu nave fóra, passou o portal... fugindo, como de um crime!

Nas ruas a multidão entrechocava-se. A luz azougante dos mostradores engalanados era-lhe tão insupportavel como o vozejar dos que passavam, os gritos estridulos dos pregões, o rodar das carruagens. Fugia sempre. A certa altura o corpo saccudiu-se-lhe tiritando, começou de sentir arquejos de cansaço e encostou-se ao humbral d'uma porta.

Uma larga mão desceu sobre a sua cabeça, e ao erguer os olhos deparou com um operario do seu bairro.

—O' menina, tu que fazes por aqui a estas horas? Valha-te Deus!... Estás cheia de frio... Sóbe aqui para os meus braços... olha como a Luiza está... gelada! Tu d'onde vens?

—Alli de baixo, sr. João. Estive alli a ver isto...

E o bondoso operario, aconchegando a face de Luiza á sua blusa enodada, levou-a, pelo dédalo immenso das arterias citadinas, até ao quarto lóbrego onde ella vivia. Accendeu o resto d'uma vela, sustentada no gargalo d'uma garrafa, deitou a pequena no colchão rôto que lhe servia de leito, cobriu-a com o chale, a que juntou um casaco que trazia, e n'uma curta carícia:

—Luizita... ouves?... Estás bem?... Olha, aqui tens um bôlo. Era lá para o meu garoto. Fica sem elle, é o mesmo. Toma-o para ti... Olha que hoje é a noite de Natal, sabes?... Coitadita! adeus, sim?...

VIDA COLONIAL



CHIBIA—Posto militar

Passou-lhe pela cabecita, novamente, a mão, e subiu afogando um soluço de commoção n'uma praga de revolta.

—Raio de vida!...

Luiza mal o ouvira. Devorou o bolo, sentada sobre o colchão, seguindo o tremeluzir da vela, no vidro da garrafa. Regressava á igreja, ao presepio, á paz d'aquella tarde, providencial para a sua dôr irrefragavel, ao primeiro jubilo da sua infancia.

—O Menino! que lindo!...

E como quem se compraz em suster as exaltações do sonho, elevando e architectando na mente mil quadros de felicidade que não saboreou na terra, pareceu-lhe vêr a figura ternissima de sua mãe que vinha postar-se junto d'elia, pallida e bella, fitando a flôr dos seus amores, colhando-lhe os cabellos pretos, chamando-a!...



CHIBIA—Lançamento da 1.^a pedra para a construcção do edificio da escola mixta, na occasião em que discursava a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Ignacia Tenreiro Grilo.

Luiza susteve a frente nas mãos emagrecidas, depois juntou-as sobre o peito cavado; os seus olhos prenderam-se n'uma visão de encanto e as faces abriram-se-lhe n'um sorriso brando de meiguice:

—Minha mãesinha!...

A recordação materna sugeriu a recordação de outros tempos; desdobrou-se-lhe na alma todo o espectaculo dos seus primeiros annos; libertou-se-lhe a memoria.. e começou a rezar a oração que sua mãe lhe ensinára:

—*Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é com vosco, bemdita sois vós,*



entre as mulheres, bendito o fructo do vosso ventre, Jesus.

—O Menino Jesus! Era tão lindo!...

F. D'ALMEIRIM.

Vós, que quereis fazer renunciar um povo á liberdade, rästitui-lhe seus paes, seus filhos, seus amigos, tudo o que elle ha perdido por ella: e depois reflecti ainda na importancia d'aquillo, de que o privaes.



CHIBIA—Grupo de alumnas da escola official. Ao centro a professora ex.^{ma} snr.^a D. Maria Ignacia Tenreiro Grilo

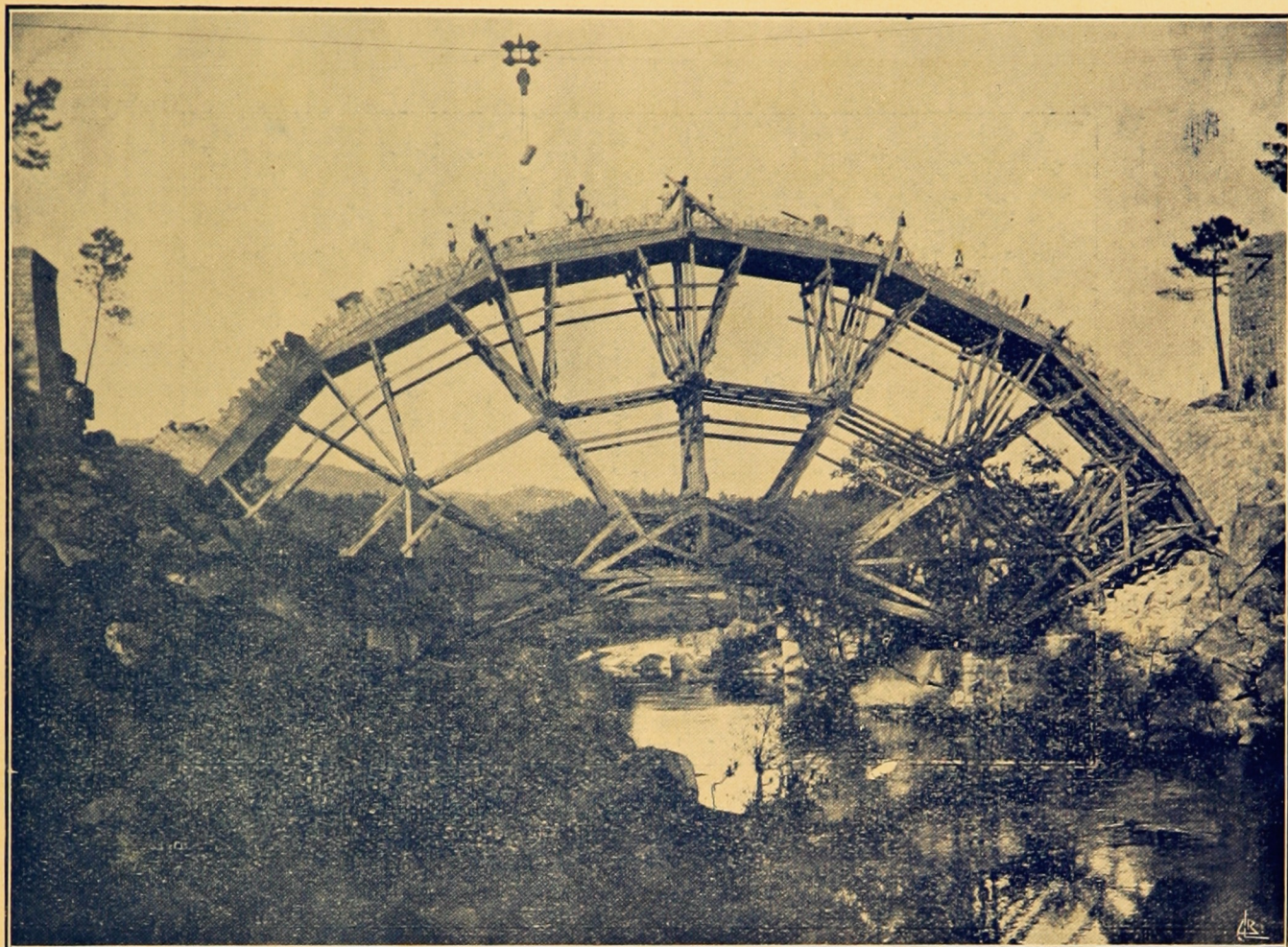


CHIBIA—Grupo de alumnos da escola official. Ao centro o professor rev.^{mo} snr. padre A. de Carvalho Junior

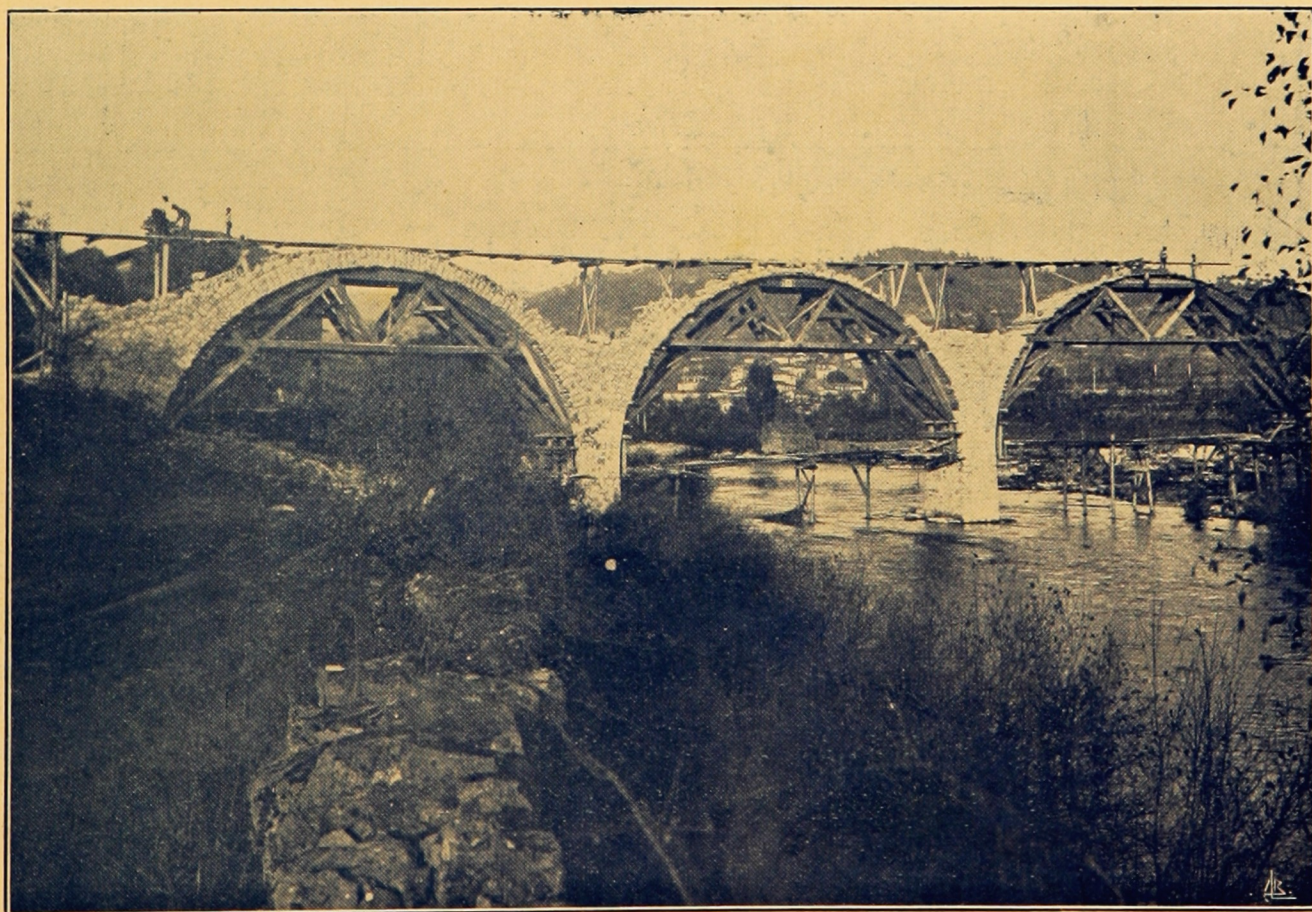
(Clichés do phot. am. sur. Telles Grilo.)



S. Pedro do Sul e Vouzella



Construcção de uma ponte do Caminho de Ferro, da Companhia de Valle do Vouga, entre S. Pedro do Sul e Vouzella



Trabalhos de conclusão da ponte de S. Pedro do Sul, para a passagem da linha ferrea
(Clichés do phot. am. snr. J. M. Batalha)



NOZAS DO ESTRANGEIRO



Mgr. João Laguarda, Bispo de Barcelona, ultimamente fallecido



Trasladação do cadaver do Bispo de Barcelona do palacio episcopal para a cathedral

